

CINEMA E MODERNIDADE.

Alexandre Sardá Vieira
Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina.
Doutorando PPGHST/UFSC

CHARNEY, LEO & SCHARTZ, VANESSA R. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Tradução de Regina Thompson. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 458p.

Nenhum produto resumiu as experiências modernas tão bem quanto o cinema. Essa é a tese desenvolvida pelos diversos autores dos artigos que compõem a obra *O cinema e a invenção da vida moderna*, organizado por Leo Charney e Vanessa R. Schwartz, também autores de dois capítulos. O livro reúne pesquisadores de diversas áreas, entre historiadores da arte, professores de literatura e cinema de universidades dos Estados Unidos.

Ao observar o índice da obra, um leitor apressado pode estranhar a escolha dos artigos. Apenas dois têm relação direta com a arte cinematográfica. Os demais versam, por exemplo, sobre catálogos de compras, exposição de cadáveres e pinturas impressionistas. A primeira reação é imaginar que é apenas mais uma obra coletiva em que os artigos por uma razão qualquer foram reunidos sem critérios. Embora a introdução sinalize algumas pistas, é só com o término da leitura que se entende o sentido da disposição dos artigos que pareciam, a priori, tão desconectados. É por meio dessa diversidade que a tese do livro se sustenta: apesar das inovações técnicas, o cinema é fruto de uma mistura de experiências já presentes na vida moderna.

Influenciados pelos Estudos Culturais, a maioria dos artigos são também atravessados por discussões teóricas com base nos escritos de Walter Benjamin e George Simmel. Alguns dialogam com outros autores, como Michel de Certeau e Siegfried Kracauer. Os primeiros são exaustivamente citados, em especial o ensaio de Benjamin “Paris: capital do século XIX”.

A edição brasileira é apresentada por Ismail Xavier e traz uma Introdução, escrita pelos organizadores do livro Leo Charney e Vanessa R. Schwartz, que prenuncia a discussão do cinema como fruto da modernidade. Para os autores, a transformação da experiência subjetiva da modernidade e as transformações sociais, econômicas e culturais têm sido tratadas, principalmente, como produtos

de inovações técnicas, como o telégrafo, o telefone, a estrada de ferro, o automóvel a fotografia e o cinema. Este último seria “a expressão e a combinação mais completa dos atributos da modernidade” (p.17). No entanto, a cultura moderna já seria “cinematográfica” antes mesmo do cinema.

Os autores identificam seis elementos centrais para a história cultural da modernidade e para a sua relação com o cinema:

O surgimento de uma cultura urbana metropolitana que levou a novas formas de entretenimento e lazer; a centralidade correspondente do corpo como o local da visão atenção e estimulação; o reconhecimento de um público, multidão ou audiência de massa que subordinou a resposta individual à coletividade; o impulso para definir, fixar e representar instantes isolados em face das distrações e sensações da modernidade, um anseio que perpassou o impressionismo e a fotografia e chegou até o cinema; a indistinção cada vez maior da linha entre a realidade e suas representações; e o salto havido na cultura comercial e nos desejos do consumidor que estimulou e produziu novas formas de diversão. (p.19)

As mudanças na experiência presentes no cinema, mas anteriores a ele, são exploradas nos treze artigos que compõem esta coletânea. No primeiro artigo, intitulado “O retrato do corpo humano: fotografia, os detetives e os primórdios do cinema”, escrito por Tom Gunning, inicia a discussão no campo da imagem. Para o autor, uma das principais características da modernidade é a circulação, promovida pela Revolução Industrial e que tem na estrada de ferro o seu símbolo máximo. Muito já se falou sobre as implicações da estrada de ferro para a modernidade, no entanto Gunning liga duas sensações promovidas por ela à arte cinematográfica: a velocidade e o movimento. Essas características também estariam presentes na fotografia criminal, seu foco de estudo, tornando o corpo uma imagem transportável e de fácil classificação. A própria imagem em movimento, a maior característica do cinema, já seria anterior a ele, em especial nos olhares rápidos pelas janelas dos trens.

Para Jonathan Cray, em “A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX”, a grande mudança trazida pela modernidade diz respeito a uma nova experiência visual, mais especificamente a atenção. As mudanças na técnica passaram a exigir do trabalhador uma atenção maior, já que a integridade do seu corpo estaria em jogo. Por um outro lado, o século XIX é permeado de experiências de valorização das visões subjetivas. Talvez maior exemplo disso tivesse sido o Impressionismo e, no caso desse artigo, as obras de Manet.

Não exigiria o cinema também uma nova experiência visual pautada na atenção, já que estaria ligado a uma grande quantidade de estímulos visuais? A modernidade como espaço do hiperestímulo é o tema do artigo de Bem Singer, “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”. Em constante diálogo com Benjamin, Simmel e Krakauer, o autor sintetiza a idéia de modernidade desses como uma concepção neurológica. A modernidade passaria a ser entendida como um registro de experiência subjetiva, caracterizada pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano. As ruas passam a constituir o espaço do hiperestímulo. Imagens abundantes, cartazes, bondes, jornais, trens.

A segunda parte do livro agrega os artigos ligados ao consumo. Marcus Verhagen, em “O cartaz na Paris do fim do século”, trata a arte dos cartazes como reflexo do surgimento da indústria do entretenimento. O surgimento das lojas de departamento é evocado por Erika D. Rappaport em “Uma nova era de compras: a promoção do prazer feminino no West End londrino 1909-1914”. Em “Disseminações da modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência”, Alexandra Keller discute como a indústria do consumo atinge novos espaços, como o meio rural. E, finalmente, Richard Abel apresenta o início da industrialização do cinema estadunidense após a predominância da empresa francesa Pathé em “Os perigos da Pathé ou a americanização dos primórdios do cinema americano”.

Desses, de longe, os mais interessantes são os de Rappaport e Keller, em especial na aplicação de um novo uso para a *flânerie*. Muito tem se discutido sobre os abusos no uso do termo *flâneur* de Walter Benjamin. A figura masculina que vaga pela cidade observando a diversidade promovida pela modernidade já foi utilizada de forma bastante descontextualizada, como se em toda cidade de qualquer época tivesse que ter seu equivalente. No entanto, as autoras dão uma nova vida a *flânerie*. Érika D. Rappaport apresenta a loja de departamento como o espaço da *flânerie* feminina. A compradora seria a *flâneuse*, observando e passeando pelos diversos produtos expostos. Já Alexandra Keller identifica nos catálogos de compras além da representação do desejo, já que identificaria uma vontade de ter algo ausente, uma possibilidade de uma *flânerie* rural. Os habitantes do interior vagariam pelas páginas do catálogo como o *flâneur* vaga pelas ruas. O catálogo, que tinha entre seus principais produtos o relógio, essencial para as novas configurações de fuso horário e horários de trem, traria produtos, informações, sonhos e imagens de possíveis passeios. As autoras abrem espaço para um questionamento. Seguindo essa linha de raciocínio, seria possível afirmar que o cinema seria também uma prática de *flânerie* em que o espectador muda de posição e são as paisagens que vagam em sua frente? Alexandra Keller aponta para conclusões nesse sentido.

Os artigos da terceira parte do livro, buscam compreender na literatura panorâmica, na fotografia e na própria filosofia do cinema, uma tentativa moderna de se captar o efêmero. Margaret Cohen, Jeannene M Przyblyski e Leo Charney apontam para discussões que apresentam mais características da modernidade que seriam aproveitadas pelo cinema, como a experiência do instante, a efemeridade e a imersão nas imagens.

Os espetáculos e os espectadores estão contemplados nos artigos da última parte do livro. Os três artigos versam sobre uma nova visualidade, novas formas de ver, novos “desejos do olhar”. Vanessa R. Schwartz, uma das organizadoras do livro, em “O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema” trata do gosto pela realidade presente no espectador moderno. Para a autora, a modernidade teria trazido um novo desejo do olhar em que uma realidade possível de ser narrada estaria exposta. Analisa assim as visitas ao necrotério de Paris, onde a população se enfileirava para ver os cadáveres sentados em cadeiras. Chamam a atenção no mesmo período, também, os museus de cera e os panoramas, ambos trazendo a possibilidade de uma imagem narrativa. Narrativa essa presente, ainda, nos museus do folclore, em que as peças eram dispostas de tal forma a contar uma história, como apresenta Mark B. Sandberg, em “Efégie e narrativa: examinando o museu do folclore do século XIX”. No último artigo do livro, Miriam Bratu Hansen sintetiza a idéia presente em toda a obra, que a cultura do consumo e do espetáculo potencializaram a criação do cinema e que a modernidade teria se concretizado nesse.

Apesar de ter sido publicada nos Estados Unidos em 1994, a obra chegou ao Brasil com quase uma década de atraso. No entanto, os questionamentos trazidos por ela são bastante pertinentes e pouco trabalhados pelos pesquisadores do cinema. Muito já se falou sobre a importância do cinema dentro da modernidade e de como ele auxiliou na construção de novas formas de ver. O próprio título do livro, *O cinema e a invenção da vida moderna*, poderia levar a uma conclusão apressada nesse mesmo sentido. A grande inovação dessa obra é, usando os mesmos referenciais teóricos já explorados pelos pesquisadores do cinema e da modernidade, como Walter Benjamin, em especial seu texto sobre “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, e George Simmel, ir na direção oposta. Perceber como o cinema nada mais foi do que a síntese de várias características próprias da modernidade.

Poucas teses de doutorado e dissertações de mestrado exploram a obra resenhada, talvez porque no Brasil as pesquisas sobre cinema ainda se pautam na produção. A grande maioria dos trabalhos apresentados em congresso, dos artigos e dos livros publicados no país se baseiam na forma em que os filmes foram produzidos e sua relação com a sociedade que os produziu. Poucos são os

trabalhos que inovam, principalmente, na questão da experiência do cinema e da produção de novas sensibilidades. Talvez o grande desafio proposto pelos autores dos diversos artigos de *O cinema e a invenção da vida moderna* seja propor esse novo olhar para um tema exaustivamente pesquisado.

Recebido em 17 de junho de 2008